

A. L. P. Gouthier

PINDORAMA
&
ANTIGAS TRILHAS HUMANAS



PINDORAMA & ANTIGAS TRILHAS HUMANAS

Copyright©2016 – A. L. P. Gouthier

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, digitalização sem a permissão da autora.

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA FONTE (CIP)

Gouthier, A. L. P. Pindorama & antigas trilhas humanas/A. L. P. Gouthier, 1ª ed. – Belo Horizonte: Livraria e Editora Graphar, 2016.

ISBN 978 85 66010 27 5

CDD: 930

1.História antiga 2.povos antigos 3.Brasil 4.título

Índice para catálogo sistemático:

- 1.História Antiga
- 2.Povos antigos
- 3.História do Brasil



Anastasia Persephone Editora e Comercio

Rua Espirito Santo,901 sala 03

Belo Horizonte -MG

Cep 30160-033

Telefone: (31) 32481000 | WhatsApp (31) 9 8883-0550

E-mail: anastasiapersephone.ec@gmail.com

PINDORAMA

&
ANTIGAS TRILHAS HUMANAS

A. L. P. Gouthier

1st edição



Anastasia Persephone Editora e Comercio

Belo Horizonte

2016



Eu dedico este livro a minha mãe
Clara Dayrell Cattapreta Luciano Pereira,
pela grande riqueza de amor e carinho que me deu.

Reconhecimentos

A bela capa deste livro é trabalho de Arthur Menezes, da Exata Marketing, do Rio de Janeiro; e as figuras humanas nela representadas são de uma pintura de Debret, do princípio do século XIX. Essa ilustração representa índios Botocudos das tribos Krenac, Tapuias ou Aimorés, então vivendo nas florestas brasileiras.

Escrevi *Pindorama* originalmente em inglês, porque é o que mais me vem à mente após metade de uma vida de estudos e leitura neste idioma, mas também por desejar difundir a minha obra internacionalmente. E na revisão final desta versão, tive valiosa ajuda de meu amigo Michael Wade, com quem sempre trabalhei em grande harmonia, por sermos ambos adeptos de um estilo literário claro e clássico.

Mas sendo principiante na atividade de publicação de livros, pedi à sobrinha de meu marido - Haydée Figueiredo - para fazer uma crítica profissional da minha obra. Eu a agradeço por alertar-me sobre vários aspectos sobre os quais eu não tinha conhecimento. Consequentemente, fiz várias correções e adicionei em “Notas da Autora” uma explanação referente às limitações técnicas deste projeto.

Eu finalmente assino pela tradução de *Pindorama* do inglês para o português, apesar de o trabalho ter sido iniciado por Mariana Guimaraes Winters, sob a minha revisão. Mas a partir de algum tempo resolvi assumir todo o mecanismo de tradução por perceber que isto me ajudava também na revisão final do original inglês.

Entretanto, a poesia aqui apresentada foi sempre por mim composta, em português e em inglês, já que acredito que poemas devem ser recriados em vez de traduzidos.

Muito devo a Paulo Lemos, da editora Graphar de Ouro Preto, Minas Gerais, pela paciência nos trabalhos de diagramação, que fez duas vezes, até que eu estivesse contente. E, especialmente, agradeço a dedicação de sua equipe na obtenção de permissões para uso de mais de mil ilustrações que adornam *Pindorama*. Até então, eu ignorava completamente os procedimentos necessários para todo esse processo.

A excelente revisão final da versão brasileira foi feita por Paulinho Assunção, com quem eu logo me entendi e trabalhamos eficazmente, apesar de eu querer uma revisão com todas as sugestões de mudanças assinaladas em vermelho, que acredito não ser uma exigência habitual de autores. Mas eu já trabalhava assim com meu revisor inglês, com grande ganho para mim mesma, já que esse método me permite o contínuo aperfeiçoamento de meu estilo literário, em ambos os idiomas. E tive também satisfação de ter conhecimento de ligações amistosas entre o meu pai e o de Paulinho Assunção no passado, na sua cidade de origem, São Gotardo, no oeste de Minas Gerais.

Agradeço especialmente a Jaqueline de Oliveira Gonçalves, que me acompanha há vinte e seis anos, e é gerente de todos os meus empreendimentos comerciais, por sua dedicação e eficiência em toda e qualquer atividade que decidi iniciar. Sem ela a minha vida seria muito mais complicada e sei que continuaremos a trabalhar juntas por todos os tempos, como o fizeram o meu pai e o seu pai, por mais de quarenta anos.

Finalmente tenho orgulho de anunciar que a versão brasileira de *Pindorama*, *Antigas trilhas humanas* foi aprovada pelo Ministério da Cultura do Brasil, pela Lei Rouanet. Considero isto uma realização importante por ser este o meu primeiro livro.

A.L.P. Gouthier

Sumário

Reconhecimentos

Nota da Autora

Prólogo

Parte 1 – A História da Pindorama

Capítulo 1: Colonizadores Asiáticos & Africanos

Capítulo 2: Incursões Transpacíficas

Capítulo 3: Línguas Indígenas

Capítulo 4: A Vida na Pindorama

Capítulo 5: A Saga da Pindorama

Capítulo 6: O Povo Krenac

Capítulo 7: A Nação Tupi

Capítulo 8: Os Marajoaras

Capítulo 9: Os Vikings & Chineses

Parte 2 – A Versão Portuguesa da História

Capítulo 10: O Século Mameluco

Capítulo 11: As Invasões Francesas

Capítulo 12: Os Portugueses

Capítulo 13: Caramuru & Paraguaçu

Capítulo 14: Israelitas & Novos Cristãos

Capítulo 15: Mouros & Ciganos

Capítulo 16: Os Africanos

Capítulo 17: O Primeiro Reich & Os Holandeses

Capítulo 18: A Aliança Inglesa

Capítulo 19: Cana-de-Açúcar

Epílogo

Nota da Autora

Meu lema como escritora:

LITERATUM UTILITAS IN DEFENS VERITAS

O Uso da Literatura em Defesa da Verdade

Este livro é antropológico, histórico, assim como um pouco poético e biográfico. Ele é baseado em informações recolhidas em livros diversos, indicados na bibliografia, e particularmente em extensiva pesquisa feita na internet. Eu realizei a minha própria investigação, e o meu assunto se expandiu à medida que fazia descobertas sobre a presença humana pelo mundo antes da antiguidade.

A pouca informação biográfica apresentada neste livro é verdadeira. Com base na genealogia ao mencionar nomes de pessoas eu incluí os seus sobrenomes maternos, quando os conhecia. Mas, neste livro, e em outros já iniciados ou planejados, eu às vezes modifiquei os nomes de pessoas vivas para proteger a sua privacidade.

Outra decisão foi usar **maiúsculas** não somente para nomes próprios, mas também para **nacionalidades e idiomas**. Isso se justifica pela grande incidência de nomes geralmente desconhecidos de civilizações da pré-história e de período logo anterior à antiguidade. Fui também obrigada a criar uma versão em Português para a designação dos povos Negritic, em Inglês. Acredito que esses Negríticos viveram muito antes dos povos Negritos, sobre os quais se encontra pesquisa em Português.

Como escritora, eu assino utilizando as três iniciais do meu nome de solteira, com acréscimo do meu sobrenome de casada. Na narrativa, no entanto, eu refiro a mim mesma como Anastásia, ou Anastásia Persephone, que é a narradora e, às vezes, também uma personagem. Devo deixar claro que essa persona foi uma criação minha. A escolha do nome da

narradora se deveu à semelhança com o meu próprio nome. Persephone também começa com uma das minhas iniciais, mas achei o nome apropriado porque fui casada com um grego. Na mitologia deles, Persephone foi uma humana que se casou com o deus do inferno. Quão apropriado para um ex-marido! Por isso eu me refiro a ele como Hades, ou às vezes Mefistófeles, com um toque de humor e não porque o considero uma pessoa ruim.

Quando eu comecei a escrever este livro, pensei que ele seria o primeiro volume de uma saga familiar, que teria início num passado longínquo, o mais remoto que eu encontrasse vestígios de ligações familiares. Assim, caminhei através dos tempos até o primeiro século da era portuguesa. Mas, ao longo desse caminho, no século XVIII, eu encontrei uma antepassada do meu lado paterno que era indígena Botocuda. E eu segui pela longa estrada que trouxe o seu povo até a Pindorama.

Mais tarde, quando eu percorria a trajetória da família de minha mãe, encontrei no caminho uma fascinante antepassada, que não outra que a famosa Chica da Silva. E, assim, eu dei renovada atenção à etnia de sua mãe, devido a essa ligação familiar. Fui então à África com a mãe de Chica, que era da Guiné, no litoral oeste do continente Africano. Em realidade, nós todos somos originários da África, e quanto mais recente for a nossa mistura étnica, mais aperfeiçoados somos como seres humanos – e, pois, assim, possivelmente livres de problemas genéticos característicos de etnias específicas.

Portanto, mesmo num livro informativo como *Pindorama*, eu incluí passagens de natureza pessoal para manter a conexão biográfica que escolhi dar a todos os meus livros. Essas passagens serão um olhar voltado para a vida de Anastásia e de sua família, que pouco a pouco ganharão vida. Eu sempre misturo gêneros de composição, da ficção ao romance histórico, do ensaio ao poético. Esse foi o formato que escolhi.

De volta à metodologia da pesquisa: creio que certa familiaridade com alguns idiomas ocidentais provou-se essencial para o alcance de fontes pouco traduzidas. Por exemplo, enquanto eu buscava a origem da palavra “Mequetrefe”, encontrei uma ligação com o antigo dialeto veneziano, no qual eu reconheci a mistura de vários outros idiomas latinos. E assim foi

também o caso com referências ao Inglês velho Francês comercial. Eu igualmente me interesso muito por etimologia, que possibilita grande ajuda para o entendimento do passado distante. Quando tudo o mais tiver sido esquecido somente as palavras guardarão dentro delas lembranças do passado.

Como o meu primeiro propósito como escritora é o de relatar a história da minha família, para atingir esse alvo eu quis produzir literatura que não fosse sempre demasiadamente acadêmica ou científica, para interessar a um público mais amplo, o que me ajudará a alcançar o meu segundo objetivo. Este é o aspecto comercial, de acordo com a minha orientação política, de uma capitalista convicta. Assim, eu acredito que cada um de nós deve encontrar um meio de se tornar economicamente independente de modo a não ser um peso para a sociedade. Portanto, por meio dos meus esforços literários, conseguirei produzir e acumular um pouco de capital. No meu credo, o acúmulo de riqueza honesta, ou de apenas mais humildes reservas pecuniárias, não são de modo algum pecaminosos, mas, em vez disso úteis para a sobrevivência naqueles períodos de infortúnio, os quais acontecem com todos nós.

Finalmente, eu tentei estender a história do meu país de nascimento para além da época da invasão portuguesa. Com isso em mente, ao longo de todo esse livro eu me referi a essa vasta massa territorial localizada na América do Sul como a Pindorama, que quer dizer a ‘Terra das Palmeiras’, no idioma Tupi.

Desejando contatar a autora A.L.P. Gouthier, favor fazê-lo diretamente através de seu site na internet: www.alpgouthier.com

Ou acesse o blog da autora: www.anastasiapersephone.com

Ou ainda, veja-me no Facebook: Anastasia Persephone Gouthier

A.L.P. Gouthier, 2016.

Prólogo

“Abracemos nossa herança multicultural com orgulho!”

Por A.L.P. Gouthier

O país que conhecemos como Brasil teve muitos nomes ao longo do tempo, mas infelizmente eu não consegui descobrir como ele era chamado pelo povo Krenac, que aí vive desde 15000 AC. Seus descendentes ainda habitam várias partes do país, incluindo a Bacia Amazônica, o Planalto Central e Minas Gerais, de onde eu sou. Alguns desses indígenas, contudo, não falam mais a sua língua materna, uma vez que as circunstâncias forçaram-nos a aprender o Português. O restante vive em áreas praticamente isoladas, e temos pouco contato com eles.

Em aproximadamente 3000 AC, as tribos Tupi fizeram suas incursões ao interior do país e, felizmente, o Tupi moderno ainda é falado em algumas nações da América do Sul. Eles deram à sua terra, agora nossa, o nome de Pindorama. No ano de 1500 AD, quando os Portugueses a invadiram, os seus novos territórios passaram por uma série de denominações, como, por exemplo, Ilha de Vera Cruz, nome mudado rapidamente para Terra de Santa Cruz ainda em 1500, quando se deram conta do seu grande erro – não se tratava exatamente de uma ilha. Mas, uma vez de volta à Europa, alguns se referiram à descoberta como a Terra dos Papagaios.

Cinquenta anos depois, após o período no qual Fernando de Noronha arrendou a região para a exploração de pau-brasil, os Europeus foram aos poucos modificando o nome dado à terra de onde extraíam tanta riqueza vegetal para a terra do pau-brasil. E, assim, na época do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, a colônia do sul havia se tornado a Terra do Brasil.

Em etnolinguística, endônimos e exônimos são os nomes de grupos étnicos e de seus habitats, assim como são identificados respectivamente

pelo próprio grupo e por estrangeiros. Desse modo, a Terra do Brasil era um exônimo, e Pindorama um endônimo do gigante continental.

Pindorama continuou sendo um endônimo do país para uma grande parte da população de sangue indígena e mestiça até pelo menos a década de 1750, quando o Marquês de Pombal, ministro da coroa, determinou que o Tupi não poderia mais ser usado em escolas e que apenas o Português era permitido.

O nome Pindo-Rama nos leva a pensar nos elementos que o compõem. No Hinduísmo, Rama é o sétimo avatar do deus Vishnu, e do rei de Ayodhya nas escrituras Hindus. Junto com Krishna, o oitavo avatar, Rama é considerado um dos mais importantes avatares Vishnu e, em algumas seitas centradas em Rama, ele é considerado o Ser Supremo em vez de um avatar.

Antes de analisarmos ‘Pindo’, vamos buscar na palavra ‘panorama’ uma origem adicional para Ram ou Pan. Este termo deriva do grego *παν* – ‘tudo’ + *οραμα* - ‘visão’, e significa um ângulo amplo de visão ou da representação de um espaço físico. A palavra foi originalmente cunhada no século VIII pelo pintor Irlandês Robert Barker para descrever suas pinturas panorâmicas de Edinburgo e Londres. Em fotografia, o termo ‘panoramizar’ refere-se à rotação horizontal de uma câmera parada, e câmeras de vídeo realizam o movimento girando-se horizontalmente em um eixo, ou eixo, vertical. Pode-se concluir que ‘Rama’, além de ser uma divindade Hindu, poderia indicar também ampla visão, que tudo vê, ou ainda, grandes extensões de terra – ou mais ainda: poderia referir-se à divindade do mundo inteiro.

Ao mesmo tempo, a palmeira butiá, chamada ‘*pindo palm*’ em Inglês, é uma planta resistente e robusta que tolera temperaturas entre mais de 50 a menos 10 graus centígrados. Seu pesado tronco é protegido por uma cobertura de folhas cercadas de espinhos, de igual quantidade nos dois lados de cada fronde. Ela pode ser facilmente reconhecida por suas copas arredondadas de belas folhas verde-escuras balançando ao vento. No verão, fornece alimento, ostentando cachos amarelos de frutas do tamanho de tâmaras. Esta planta, que cresce bem devagar, atingirá quatro metros ou mais de altura, e evoluiu para durar e sobreviver. Quase sempre cercada por outros tipos de palmeiras, seu nome botânico é Butiá capitata, da família Arecaceae.

Butiá é uma corruptela portuguesa de um termo aborígene que significa

espinhoso, ou pontudo, e capitata é uma palavra do latim para descrever ‘com uma cabeça densa’, referindo-se às sementes dentro da fruta. Por último, Pindo também é o nome de uma cidade no sul da Pindorama, que é arrodada por palmeiras butiás. Seus habitats originais sempre foram os campos litorâneos, restingas e cerrados da América do Sul.



Esquerda: uma palmeira butiá podada; centro: o butiá visto de perto.

Direita: frutas do butiá maduras.

O gosto da fruta pode variar, dependendo das condições do solo, mas é algo parecido com uma mistura de abacaxi, nectarina ou banana, com um toque picante. Mas é também fibrosa, difícil de comer e sem graça para as crianças locais que logo desistem, relegando-a aos macacos, pássaros e cobras. O butiá, também conhecido localmente como coquinho, contém uma boa quantidade de pectina, o que produz um vinho ou cachaça turvos, mas também é usado na fabricação de geleias e sobremesas. Algumas pessoas podem engolir a fibra sem problemas, mas outras não vão conseguir. A regra dos nativos é, em geral, nunca coma demais de nada, pois cedo ou tarde, você pagará por isso. Assim, mastigar a fruta e cuspir a fibra é uma prática aceitável, e o mesmo vale para a nossa muito apreciada jabuticaba. O caroço do coquinho também é comestível para humanos e animais, mas se for mastigado ou rachar, não deve ser jogado perto de uma palmeira, pois a matará. As maravilhas da natureza...



Esquerda: um pé de jaboticaba; direita: pequis.

Toda essa conversa sobre frutas esquisitas me lembrou de um dos poemas de Anastásia sobre o assunto.

Árvores e Frutos de Agressão

O solo vermelho ferruginoso
Alimenta paixões, inveja, despeito.
Intenso e sempre devastador para
Oponentes, nutrindo amistosos.

Frutos da terra convidam descuido
E atacam imprudentes com seu
Poder, sua força de destruição
Aos irrefletidos, façam atenção.

Cautela estranhos, as belas visões
Assinalam o perigo e indicam
Mantenha distância e o cuidado.
Sinais que eu mesma não entendi.

Nativa, eu devia saber, ameaças
Reconhecer, o perigo avistar, mas
Não soube. Vítima dos frutos das
Árvores das terras ferruginosas.

A.L.P. Gouthier, 2014

Parte 1

A História da Pindorama

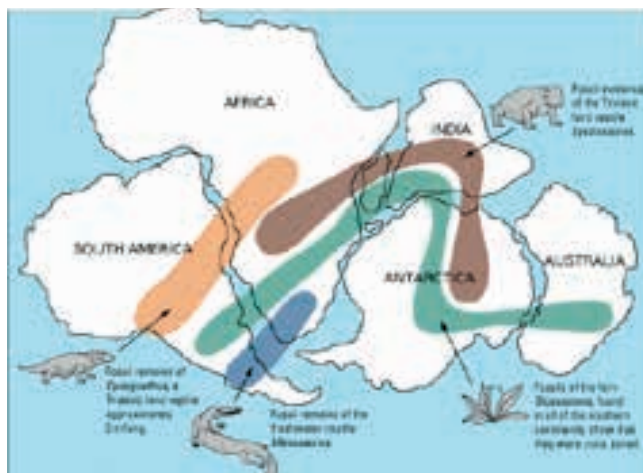
Capítulo 1 Colonizadores Asiáticos e Africanos

“Não ande atrás de mim, talvez eu não saiba liderar.

Não ande na minha frente, talvez eu não queira segui-lo.

Ande ao meu lado, para podermos caminhar juntos.” / Provérbio Ute

No começo do século XIX, pensava-se que as montanhas se formavam porque a Terra estava esfriando e, ao esfriar, ela se contraía. Essa contração formava rugas, ou montanhas, na crosta terrestre. Consequentemente, as montanhas deveriam estar espalhadas uniformemente pela superfície do planeta, mas sabemos que não é este o caso.



Esquerda: Alfred Wegener (1880-1930). Direita: mapa dos continentes unidos.

Wegener foi um pesquisador polar, geofísico e meteorologista Alemão. Durante sua vida, ele ficou conhecido por seus feitos em meteorologia e pesquisa polar, mas hoje ele é mais lembrado por sua teoria da deriva continental de 1912. Ele formulou a hipótese de que os continentes estariam lentamente movendo-se ao redor da Terra e sugeriu que as montanhas eram formadas quando as bordas dos continentes à deriva colidiam umas com as outras. Por exemplo, os Himalaias teriam se formado quando a Índia entrou em contato com a Ásia.

Sua tese foi considerada controversa e não foi amplamente aceita até os anos 1950, quando numerosas descobertas deram suporte e uma base substancial para o modelo atual das placas tectônicas. A ideia de Wegener de que os continentes da Terra eram unidos e separaram-se gradualmente, ao longo de milhões de anos, ofereceu uma explicação para a existência de fósseis e rochas similares em continentes distantes uns dos outros. Essa teoria está agora bem consolidada. A deriva continental está acontecendo uma vez que as placas tectônicas se movem, com a ocorrência de terremotos e vulcões ao longo de suas bordas. O quebra-cabeça de continentes que se encaixam pode ser visto em qualquer mapa do mundo. A imagem apresentada mostra os continentes da África e da América do Sul unidos.

A forma como interpretamos a ciência dos séculos passados não pode ser separada da nossa visão científica moderna. Diferentemente dos cientistas de outrora, cientistas modernos não precisam temer as reações dos que estão incorporados ao sistema vigente, ao proporem ideias novas e radicais. As ideias de Alfred Wegener ameaçaram as instituições de seu tempo tanto

quanto Galileu o fez na década de 1630 e Copérnico na de 1550. A razão pela qual muitas pessoas deixam de fazer essa conexão é que as controvérsias de Galileu e Copérnico se centravam na Igreja, em vez de em outros cientistas, como no caso de Wegener.

Em 1543, pouco antes de sua morte, Copérnico deu início a uma revolução científica baseada na ideia de que a Terra era o centro do universo, infelizmente cometendo um erro, uma vez que é o sol que se encontra no centro. E em 1640, Galileu foi julgado pela Inquisição e condenado por heresia ao propor que a Terra estava em movimento, passando o resto de sua vida em prisão domiciliar. Ele também apresentou um argumento equivocados, nesse caso sobre o movimento das marés ser causado pelo sol. É difícil compreender como um grande cientista que passou sua juventude a menos de 20 km do mar pode ter defendido a existência de apenas uma maré por dia, com um ciclo que variasse ao longo do ano e não do mês.

Os críticos de Wegener mostraram que o mecanismo que ele sugeriu dar origem à Deriva Continental era, no mínimo, tão inadequado quanto os argumentos apresentados por Galileu em sua época. A ciência depende de fatos e da razão. Mas apenas fatos e razão não são suficientes para explicar as diferentes reações a novas hipóteses e teorias quando são apresentadas pela primeira vez.

Em relação à Darwin, a comunidade científica dispôs-se a aceitar uma teoria baseada apenas na observação, mas no caso de Wegener os cientistas não acreditaram que um mecanismo que explicasse o movimento das massas de terra seria encontrado. Dada a atual controvérsia entre ciência e religião, é engraçado notar que nos estágios iniciais de desenvolvimento de tantas teorias, a ciência dependa da fé, da mesma forma que a religião.

Em minha pesquisa, toda vez que eu encontro menção a antigas civilizações possivelmente extintas, desaparecidas, ou simplesmente sumidas sem explicação, eu presumo que não é apenas ignorância humana, mas principalmente o velho hábito de ensinar História descrevendo as civilizações como se fossem separadas e independentes umas das outras, a não ser por algum contato comercial. Isso nos deixava, pobres estudantes, confusos e incapazes de muita compreensão, ao mesmo tempo questionando o por que vários grupos humanos eram tão diferentes uns dos outros. Era assim que eu me sentia na escola, perplexa.

Agora eu enxergo o mundo inteiro interligado. A história se repete inúmeras vezes, em uma série sequencial de expansão e progresso, seguida pela utilização e gasto exagerados de recursos, que precedem o declínio e a queda. Enquanto atravessam todas essas fases, as pessoas migram de um lugar próspero para outro, às vezes em números relativamente pequenos que aumentam em tempos de dificuldades, quando elas procuram por trabalho e um meio de sobrevivência para suas famílias. Nada mudou muito ao longo de centenas de milhares de anos. As mesmas leis de migração que nós vemos hoje têm ocorrido desde sempre e continuarão a ocorrer. Nenhuma pessoa ou poder pode pôr fim à tentativa de sobrevivência das pessoas. É da nossa natureza.

Sei que, em breve, estarei navegando pelas águas turvas do preconceito racial, mas a informação que encontrei é concreta e sua apresentação é inevitável. Raça e religião são dois temas que eu esperava não abordar, mas é impossível evitá-los. Eles simplesmente levantam suas cabeças, quer queiramos ou não. Será que o preconceito racial impediu que elogiássemos alguns dos primeiros viajantes do mundo, exploradores e construtores dos impérios da Terra? Talvez tenha sido este o caso. Na verdade, historiadores africanos têm apontado há muito tempo para grupos do Saara que migraram para as Américas. Mas a maioria dos livros de História ignorou esta informação. Entretanto, é verdade que a cada 30000 anos, quando o Saara se torna um deserto, seus habitantes se dirigem ao norte, oeste ou leste, até encontrarem uma terra prometida.

Eu li muito recentemente que, de acordo com as últimas descobertas, a raça humana começou provavelmente na Ásia, possivelmente na China ou na Índia, e de lá se espalhou pelo mundo. Eu não estou interessada em uma época tão primordial, já que estou estudando as migrações para a Pindorama. Deixarei, então, as controvérsias sobre a origem do homem para aqueles que querem voltar a um tempo mais distante do que eu. Minha história começa em aproximadamente 150000 AC.

É por meio do aprendizado sobre que causou o declínio das civilizações humanas do passado que ganharemos a sabedoria necessária para salvar a nós mesmos de futuros retrocessos. O que levou o povo dessa Atlantis Africana a se dispersar pela Terra? Dado nosso atual estágio científico, será

que poderíamos atualmente controlar a natureza até certo ponto, ou apenas esperar que as forças geológicas atuem? Por que nós sempre presumimos que o que existiu uma vez não pode ser recriado com um pouco de criatividade? Seria ir longe demais sonhar em coletar a água da chuva em partes do Saara, para torná-la disponível durante as estações mais secas? Não poderíamos construir represas em pontos estratégicos durante a atual seca do Saara, para que quando as chuvas cheguem, e desapareçam novamente, a água permaneça para ajudar os residentes locais? Isso provavelmente será feito. A dessalinização será sempre tão cara quanto é agora? Com certeza, não! E o que devemos fazer com o sal, o subproduto dessa operação? Contê-lo em grandes bolhas de plástico não corrosivo, para depósito no fundo dos oceanos? A maioria dessas ideias é absurda, mas é aprendendo, sonhando e tentando que chegaremos a algum lugar.

Há cinco fases de gelo conhecidas na história da Terra, e em cada época glacial existem períodos de condições glaciais mais severas ou mais moderadas, chamadas períodos interglaciais. A Terra está atualmente passando por um período Interglacial Quaternário da Era Glacial. A fase mais fria do Quaternário terminou há aproximadamente 10000 anos, com o início da época Holocena. A palavra Holocena tem origem nas palavras gregas: *ὅλος* (*holos*) para todo, ou inteiro, e *καινός* (*kainos*) para novo, significando inteiramente novo, e esta época tem sido identificada com o período de aquecimento atual.

O clima do Saara tem sofrido enormes variações entre úmido e seco nos últimos 150000 anos devido a um ciclo de 41000 anos no qual a inclinação da Terra muda. Em tempos remotos, durante os períodos úmidos, a África do Norte era chuvosa e verdejante, e continha em suas terras um lago gigante. Nesse mar, embarcações navegavam transportando produtos a vilarejos e cidades existentes em terras férteis. Ao sul do Lago do Saara, em uma área agora coberta por uma densa vegetação, existiam terrenos férteis convertidos para o cultivo agrícola. Foi nessa área que o povo Negritico viveu e prosperou desde tempos imemoriais.

Esta civilização floresceu a partir da área que é hoje a Maurítânia até o Oriente Médio, e possivelmente até mais além, e seus navios cruzavam as águas do Lago do Saara transportando mercadorias e pessoas. Provas de que os Ne

griticos foram para outros continentes existem em abundância. Por exemplo, o *p-sheaf* usado por algumas pessoas no sul do Pacífico e em Papua Nova Guiné era também usado no Saara e no Egito pré-históricos. A primeira evidência de mumificação na África veio do Saara e, muito da civilização posterior, conhecida como Egípcia, veio do sul, assim como as culturas Ta-Seti e Nuba-Kush, que prosperaram quando a região do Egito ainda era um pântano.

A etnia Africana Negrítica era composta de Pigmeus e Australóides, similares aos aborígenes da Austrália, e foi possivelmente a primeira etnia a estabelecer-se nas Américas. Suas empreitadas marítimas incluíram jornadas desde a África Ocidental até o Oceano Índico e à Austrália. E, da Australásia, eles cruzaram o sul do Pacífico e alcançaram a ponta da América do Sul há quase 60000 anos, caminhando todo o percurso até as margens do norte da Pindorama. Esse era o povo de Luzia, dos quais alguns esqueletos foram encontrados recentemente em Minas Gerais, perto de Belo Horizonte, de onde é minha pessoa loura de origem Europeia. E esses povos Negriticos também viajaram da África Ocidental, através do Oceano Atlântico em direção à costa leste do continente Americano, carregados pela mesma corrente oceânica que mais tarde levaria o povo Zingh-Mende-Olmec e seus descendentes, que viveram de 10000 a 3000 AC. E bem mais tarde, em 1492 AD, Cristóvão Colombo realizaria a mesma travessia que, é claro, é a versão Europeia oficial da descoberta da América.

Na América do Norte, descobertas antropológicas recentes no sítio arqueológico Topper, localizado ao longo do Rio Savannah, na Carolina do Sul, indicaram a presença humana no Novo Mundo muito antes do que se acreditava. As primeiras escavações encontraram no local vestígios desde 50000 AC. A antiga teoria sobre Clovis First, ou Clóvis Primeiro, indicava que os primeiros colonizadores teriam vindo da Sibéria em apenas 25000 AC. Eram tribos caçadoras-coletoras, também referidas como cultura Llano - povo das Grandes Planícies ou das Savanas. O nome que lhes foi dado deriva de suas distintas ferramentas de pedra encontradas, primeiro, em sítios perto de Clovis, no Novo México, e, mais tarde, na maior parte dos Estados Unidos, estendendo-se para o sul até o Panamá. Mas por que as pessoas deixariam seus lares anteriores para se aventurar em um novo mundo? Acredita-se que a resposta é porque eles precisaram seguir sua fonte de alimento. Os Clóvis coletavam vegetais e caçavam para comer.